

Por um refinamento dos saberes disponíveis: Dimensões para a articulação das *Filosofias de Treinadores*

For a refinement of available knowledge: Dimensions for an articulation of Coaching Philosophies'

Para un refinamiento de los saberes disponibles: Dimensiones para la articulación de las *Filosofías de Entrenadores*



Hudson Rafael Martins Prado

Universidade Estadual de Campinas, Limeira, São Paulo, Brasil

e-mail: hudsonrmp@gmail.com



Alcides José Scaglia

Universidade Estadual de Campinas, Limeira, São Paulo, Brasil

e-mail: alcides.scaglia@gmail.com

Resumo: Em certa medida, está suficientemente claro na literatura que a articulação das filosofias de treinadores é uma tarefa *a priori*, que antecede e sustenta a prática. Da mesma forma, também está posto que articular filosofias *claras e definitivas* seria um elemento imprescindível na prática de treinadores. Neste texto, a partir de um outro olhar do termo experiência, mais precisamente a partir do filósofo e pedagogo espanhol Jorge Larrosa, pretende-se não apenas questionar os dois pressupostos como ultrapassá-los de alguma forma, apresentando sete dimensões práticas: abertura, coerência, incompletude, paixão, pluralidade, realismo, subjetividade, a partir das quais se podem articular as filosofias de treinadores, por um outro olhar da experiência. Dessa forma, talvez seja possível tornar o processo de articulação de filosofias não apenas mais palpável, como também mais humano.

Palavras-chave: Experiência. Filosofias de Treinadores. Reflexão. Treinador Esportivo

Abstract: To some extent, it is clear enough in the literature that the articulation of Coaching Philosophies is an *a priori* task, which precedes and sustains practice. Likewise, it is also clear that articulating *clear and definitive* philosophies would be an essential element in coaches' practice. In this text, from another perspective of the term experience, more precisely from the Spanish philosopher and pedagogue Jorge Larrosa, it is intended not only to question the two assumptions but to overcome them in some way, presenting seven practical dimensions - openness, coherence, incompleteness, passion, plurality, realism, subjectivity: from which Coaching Philosophies can be articulated, from another perspective of experience. In this way, it may be possible to make the process of articulating philosophies not only more palpable, but also more human.

Keywords: Experience. Coaching Philosophy. Reflection. Sports Coaching.

Resumen: Hasta cierto punto, está bastante claro en la literatura que la articulación de las filosofías de los entrenadores es una tarea *a priori*, que precede y sostiene la práctica. Asimismo, también está claro que articular filosofías *claras y definitivas* sería un elemento esencial en la práctica de los entrenadores. En este texto, desde otra perspectiva del término experiencia, más precisamente del filósofo y pedagogo español Jorge Larrosa, se pretende no solo cuestionar los dos supuestos sino superarlos de alguna manera, presentando siete dimensiones prácticas: apertura, coherencia, incompletitud, pasión, pluralidad, realismo, subjetividad, desde donde se pueden articular las filosofías de los entrenadores, desde otra perspectiva de la experiencia. De esta forma, puede ser posible hacer que el proceso de articulación de filosofías no solo sea más palpable, sino también más humano.

Palabras clave: Experiencia. Filosofías de Entrenadores. Reflexión. Entrenador Deportivo

Submetido em: 14-07-2020

Aceito em: 20-10-2020

Introdução

O assim chamado *Coaching Philosophy* - que aqui nomearemos como *filosofias de treinadores* - tem recebido atenção significativa na formação teórico-prática de treinadores esportivos (LYLE, 1999, 2002; WILCOX & TRUDEL, 1998; SAURY & DURAND, 1998; McCALLISTER *et al.*, 2000; CASSIDY, JONES & POTRAC, 2004; VOIGHT & CARROLL, 2006; RENSHAW *et al.*, 2007; NASH *et al.*, 2008; BENNIE & O'CONNOR, 2010; CARLESS & DOUGLAS, 2011; KIDMAN & HANRAHAN, 2011; NUNOMURA *et al.*, 2011; GRAHAM & FLEMING 2014, CUSHION & PARTINGTON, 2016; LARA-BERCIAL & MALLETT, 2016; GOULD *et al.*, 2017). Ao mesmo tempo, como uma contraparte, a articulação dessas *filosofias* também desperta um certo receio, dado que pode parecer um tanto desconfortável: seja como algo simples de se fazer mas difícil de manter (LYLE, 1999), seja como uma espécie de anedota baseada no que funciona na prática (CUSHION, 2013), como uma condição essencialmente anterior à prática (CASSIDY, JONES & POTRAC, 2004), assim como algo um tanto quanto inconsistente, do ponto de vista acadêmico, se admitirmos que falta *clareza conceitual* quando se fala do tema (CUSHION & PARTINGTON, 2016). Portanto, quando se fala das filosofias de treinadores, é possível que não se saiba, ao certo, sobre o que se fala, de fato.

O próprio termo, na origem, tem duas palavras de difícil articulação - embora a palavra *philosophy* pareça ter um dilema mais elaborado. Seja porque isso que chamamos de filosofias soe apenas como *diretrizes para conduta*, seja porque, na própria literatura, esteja cristalizada uma associação das filosofias de *treinadores* com a noção de *valores e crenças* (CARLESS & DOUGLAS, 2011; KIDMAN & HANRAHAN, 2011). Grosso modo, fica subentendido ou que as filosofias de treinadores são expressões tácitas das crenças e dos valores dos treinadores ou, na mesma linha, que a articulação dessas *filosofias* basicamente se restringe às crenças e valores de quem as elabora. Sobre isso, Cushion & Partington (2016) alertam para outro problema conceitual, dado que também não há muita

clareza sobre o que se entende por *valores* e por *crenças* - assim como sobre a natureza da relação entre elas.

Neste texto, a palavra *filosofia* será um pouco mais trabalhada do que a palavra *treinador* - não como adorno, mas como uma tentativa de aferir maior equilíbrio entre as partes, junto de uma rigorosidade que permita a necessária precisão do que se pretende entender por filosofias de treinadores. Recupero aqui uma citação bastante pertinente do filósofo francês Andre Comte-Sponville (2002), que pode nos abrir um outro caminho:

A filosofia não é uma ciência, nem mesmo um conhecimento; não é um saber a mais: é uma reflexão sobre os saberes disponíveis. É por isso que não se pode aprender filosofia, dizia Kant: só se pode aprender a filosofar. Como? Filosofando por conta própria: interrogando-se sobre seu próprio pensamento, sobre o pensamento dos outros, sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre o que a experiência nos ensina, sobre o que ela nos deixa ignorar... (...) Com isso, pensaremos melhor, mais intensamente, mais profundamente (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 12).

Num simples movimento, a *filosofia* deixa de ser *diretriz para conduta* ou mesmo como *crenças/valores*, passando agora a soar de uma outra forma: daqui em diante, vamos entendê-la como *reflexão sobre os saberes disponíveis*. Esse é um lugar interessante, uma vez que a noção de *reflexão*, seguida das suas derivações (*reflexão sobre a ação, reflexão na ação, reflexividade*), está consistentemente presente não somente na literatura das filosofias de treinadores, mas na literatura de formação de treinadores em geral (NASH *et al.*, 2008; COTÉ & GILBERT, 2009; MALLETT *et al.*, 2009; CUSHION *et al.*, 2010; CARLESS & DOUGLAS, 2011; CALLARY, WERTHNER & TRUDEL, 2012; CUSHION & PARTINGTON, 2016; TRUDEL, GILBERT & RODRIGUE, 2016; HE, TRUDEL & CULVER, 2018; TRUDEL *et al.*, 2018). Ao mesmo tempo, é preciso atentar-se para a noção de *saberes disponíveis*. Porque existe um consenso, ainda que implícito, de que a formação de treinadores (e a articulação de *filosofias*) presume uma *aquisição de saberes*, ao lado de uma certa postura

de recusa, de não-aceite daquilo que se sabe - não por acaso, um ávido desejo por outros *conhecimentos* e outras *competências*, pois, para postular-se à condição de um bom treinador, ou de um treinador de excelência (COTÉ & GILBERT, 2009), parece obrigatório acumular uma infindável quantidade de conhecimentos - ainda que a capacidade de articulá-los seja finita. Mas tudo isso só seria possível se mantivéssemos nossa atenção nos saberes *indisponíveis*: se pensarmos, por outro lado, nos saberes disponíveis, que são parte do sujeito e que, justamente por isso, constituem a subjetividade do sujeito (neste caso, do treinador), abrimos uma via completamente diferente. Articular filosofias que sejam de fato particulares, que traduzam uma certa singularidade e subjetividade, pode depender menos dos saberes novos em folha do que de outros significados, de novos sentidos que se atribui aos saberes supostamente *velhos*.

Da mesma forma, atribuir sentido ao que nos passa, ao longo da existência, também soa bastante saudável nesse processo. Jorge Larrosa (1994, 1997, 2002, 2011, 2014), filósofo e pedagogo espanhol, trabalha precisamente com as potências do par pedagógico experiência/sentido, segundo ele, tanto uma alternativa ao par ciência/técnica (mais *positivo e retificador*) quanto ao par teoria/prática (mais *político e crítico*). O par experiência/sentido não nega as contribuições pedagógicas dos outros dois, mas apresenta “uma outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista)” (LARROSA, 2014, p. 16), abrindo espaço para uma educação vinculada à experiência - mas que, para isso, precisa cuidar da palavra experiência.

Neste texto, pretendo sugerir dimensões concretas para o processo de articulação das filosofias de treinadores esportivos, superando a repetida noção de valores e crenças que está estabelecida no debate. Para isso, como marco teórico, recupero uma noção particular de experiência, distinta das mais utilizadas na literatura, mais precisamente a partir do filósofo e pedagogo espanhol Jorge Larrosa (1994, 1997, 2005, 2011, 2014). Pelo autor, faço um percurso tão detalhado quanto possível sobre o que pode

ser a experiência, de um ponto de vista mais filosófico. Por aqui, faremos uma ponte entre parte do estado atual do debate sobre filosofias de treinadores e parte do entendimento mais comum de experiência na literatura - ambas apresentadas logo na primeira parte do texto. No final, a partir do marco teórico anteriormente citado, apresento sete dimensões eminentemente práticas para a articulação das filosofias, buscando articular um entendimento das filosofias de treinadores não como mero palavrório motivado por um suposto entendimento das próprias crenças e valores, mas como uma forma de estar no mundo, a partir de posturas que refletem não exatamente quem se gostaria de ser (JONES, 2010), mas quem se é.

Coaching Philosophy

Os debates sobre as filosofias de treinadores não são exatamente recentes, embora ainda se aperceba, como observamos anteriormente, uma certa necessidade de refinamento conceitual (CUSHION & PARTINGTON, 2016). Sobre isso, vale traçar um rápido panorama: Wilcox e Trudel (1998) entendem as filosofias de treinadores como um conjunto de crenças e comportamentos que servem para guiar as ações de um treinador. Kidman & Hanrahan (1999) tratam das filosofias como um tipo de tratado pessoal, baseado nas crenças e nos valores que conduzem a prática do treinador. Lyle (1999), por sua vez, apresenta as *filosofias* como um tipo de tratado sobre as crenças que caracterizam a prática do treinador. Por seu turno, Cassidy, Jones & Potrac (2004) apresentam as filosofias como um conjunto de princípios que guiam a prática individual do treinador.

Em linhas gerais, há pelo menos dois vieses que aparecem em todas as conceituações. O primeiro (e mais claro) faz referência à noção de *crenças* e *valores*. O segundo, mais sutil, sugere que a articulação das filosofias é algo como um pré-requisito para a prática (CASSIDY, JONES & POTRAC, 2004). No primeiro caso, parece

normalizado que a articulação de filosofias parte de um conjunto de valores, crenças, admissões, atitudes, princípios e prioridades (CUSHION & PARTINGTON, 2016). Por outro lado, não parece haver muito consenso sobre o significado de cada uma dessas palavras. Nash *et al.* (2008) e Bennie & O'Connor (2010), por exemplo, têm contribuições importantes para o debate, mas ambos os trabalhos, segundo Cushion & Partington (2016), não denotam clareza suficiente sobre o significado tanto de crenças quanto de valores.

Por outro lado, admitir que a articulação de filosofias é apenas um pré-requisito, uma certa base para a “prática”, abre margem, na verdade, para um tipo de prática manca, incapaz de se retroalimentar ao longo do tempo. Isso soa especialmente problemático quando se entende que treinadores devam se comprometer, como sugerem Cassidy, Jones & Potrac (2004), com a articulação de filosofias *claras e definitivas*, dado que essa pressão pode tranquilamente despertar certa angústia no próprio processo de articulação de filosofias (GRAHAM & FLEMING, 2014). Da mesma forma, uma visão demasiado definitiva pode ser empecilho se imaginarmos uma articulação de filosofias vinculada à *experiência* (e, por arrastamento, à *existência*), como faremos adiante.

Entre as filosofias e a experiência

Quando pensamos anteriormente na *reflexão sobre os saberes disponíveis*, abrimos uma outra possibilidade de pensar. Basicamente, refletir sobre os saberes disponíveis é uma forma de interpretar, de significar, de atribuir sentido ao que se passa. Isso soa ainda melhor quando, ao relermos a citação de Comte-Sponville (2002), notamos a presença da palavra *experiência*: afinal, a filosofia permite *interrogar-se sobre o que a experiência nos ensina*. Ainda que não se trate de uma frase exatamente surpreendente, ela não nos abstém de uma pergunta necessária: do que falamos quando falamos de experiência?

Em parte importante da literatura de formação de treinadores, a palavra *experiência* aparece consistentemente (GILBERT

& TRUDEL, 2001; CUSHION, ARMOUR & JONES, 2003; WRIGHT, TRUDEL & CULVER, 2007; CARLESS & DOUGLAS, 2011; CUSHION & PARTINGTON, 2016). Via de regra, ela surge com pelo menos duas faces. Por um lado, como “forma de conhecimento específico, ou de perícia que, adquirida por meio de aprendizado sistemático, se aprimora com o correr do tempo” (HOUAISS & SALLES, 2009), ou, por outro lado, como “the intersection of the person with the life-world” (JARVIS, 2004). No primeiro caso, da experiência enquanto perícia, não surpreende que se pense da experiência a partir da noção de *acúmulo* - aliás, da mesma forma como se acumula conhecimentos. Para tornar-se *experiente*, é preciso adquirir uma série de *experiências* (geralmente com um relativo grau de especificidade em uma determinada área ou ofício), sendo que essas experiências se conectam, se *encadeiam*, em algum grau de linearidade, normalmente das mais simples às mais elaboradas. Por outro lado, no segundo caso, a experiência passa a ser vista a partir de um certo grau de relação - ainda que numa perspectiva distinta da que trataremos neste texto. Afinal, o próprio Peter Jarvis (2006, 2009, 2015), para quem a experiência parece muito próxima de uma certa noção de *biografia*, entende ser possível haver um tipo específico de experiência, a *experiência episódica*, que se *adquire* num tempo muito específico (enquanto a experiência *per se* se *adquire ao longo da vida*). Jarvis ainda argumenta no sentido de uma *experiência primária*, feita pelo sujeito da experiência, e uma *experiência secundária*, na qual o sujeito pode transferir parte da própria experiência para um terceiro, sendo este terceiro também capaz de fazer experiência - ainda que em um outro nível.

Nas considerações que faremos adiante, vamos entender a palavra experiência com cuidado, de outra forma, como apresentada por Larrosa (2011), ou seja: a experiência enquanto *isso que me passa*. A experiência como um acontecimento, portanto, alheio, externo ao sujeito e ao seu controle e às suas vontades, e um acontecimento que, como resultado, deixa uma marca, uma ferida, que se percebe ou não de imediato, e que sugere, na sequência, uma capacidade de atribuição de sentido.

Larrosa (2014) observa que experiência vem do latim *experi-ri*, algo como provar, experimentar, de modo que a experiência é algo que se experimenta e que se prova. Por isso, o sujeito da experiência é um sujeito capaz de provar-se a si mesmo, de *colocar-se à prova* - não por acaso, o radical *per* da palavra experiência que, como observa Larrosa (2014), denota este viés de travessia. O sujeito da experiência caminha ao lado do *perigo*, numa conduta semelhante à do *peiratês* - chamado por nós de pirata. A noção de colocar-se à prova sempre está presente:

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (...) Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (LARROSA, 2014, p. 27)

Portanto, o sujeito da experiência tem essa afinidade com a exposição, com o exílio, mas só pode fazê-lo se vinculado à *existência*. O saber da experiência é um tipo de saber intimamente ligado à vida que se vive. Daqui, se pensarmos numa articulação de filosofias vinculada à experiência, repare no peso das circunstâncias frente ao peso da especificidade, ou seja: a articulação das filosofias de treinadores pode estar para muito além da modalidade em si, especialmente quando se admite, como tornou-se hábito, o peso da *reflexão* nesse processo. Como lembra o próprio Larrosa (1994), refletir também significa que a transformação da prática não se separa de uma transformação pessoal.

Embora o termo *isso que me passa* pareça razoavelmente simples, há uma série de camadas nele superpostas. Larrosa (2011) chama essas camadas de *dimensões* e observa que há pelo menos

oito dimensões da experiência: *exterioridade*, *alteridade* e *alienação* (todas vinculadas ao acontecimento, ou seja, ao *isso*), *reflexividade*, *subjetividade* e *transformação* (vinculadas ao sujeito da experiência, portanto ao *me*), *passagem* e *paixão* (vinculadas ao movimento da experiência, portanto ao *passar*). Se consideramos a experiência da forma como apresentamos aqui, falamos de um acontecimento externo, alheio, outro, “que não é resultado nem de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações (...) nem do meu saber, nem do meu poder, nem da minha vontade” (LARROSA, 2011, p. 5). Da mesma forma, falamos de um acontecimento que se passa no mundo, mas que se reflete em mim, me ataca enquanto sujeito e me transforma, de modo que o sujeito da experiência “não seja o sujeito do saber, ou o sujeito do poder, ou o sujeito do querer, senão o sujeito da formação e da transformação” (LARROSA, 2011, p. 6). Sendo um acontecimento externo que se sucede em mim, é fundamental perceber a experiência enquanto uma passagem, um percurso que me confere uma marca, uma cicatriz unicamente possível caso, antes disso, o sujeito se abra à experiência, do ponto de vista passional. Nesse sentido, Larrosa (2014) diz o seguinte:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2014, p. 24).

Partindo dessa premissa, da experiência *isso que me passa*, é que vamos apresentar abaixo algumas dimensões potencialmente importantes no processo de articulação das filosofias de treinadores.

Dimensões das filosofias de treinadores

Como dissemos anteriormente, entendemos filosofias como *reflexão sobre os saberes disponíveis* (COMTE-SPONVILLE, 2002), e compreendemos que o processo de articulação de filosofias ganha sentido quando vinculado ao saber da experiência (LARROSA, 2014).

Nesse sentido, o que se segue são algumas dimensões sensivelmente importantes no processo de articulação das filosofias de treinadores. Perceba que essas dimensões não devem, em absoluto, ser vistas como *pré-requisitos* para a prática de treinadores (CASSIDY, JONES & POTRAC, 2004) - na verdade, gostaria que fossem considerações preliminares, hipotéticas, em aberto, em movimento, à prova. Vinculadas à experiência, também estão vinculadas à existência, à abertura, à fugacidade e à fluidez da existência (LARROSA, 2014). Não são sugestões sequenciais - não estão lineares nem sequencialmente encadeadas - assim como não são dimensões cumulativas - não estabelecem relações aquisitivas ou de dependência entre elas. São apenas dimensões, a partir de um marco teórico particular, que talvez ofereçam um sentido aos saberes de treinadores no mundo.

Como elementos para que a articulação das filosofias de treinadores pareça um pouco mais concreta, de um ponto de vista prático, apresento as seguintes dimensões:

Abertura: para que a vida esteja viva, diz Larrosa (2014), é preciso que ela esteja *aberta à sua própria abertura*. Sendo uma condição para a experiência (sujeitos demasiado fechados não se permitem tocar), a abertura também se faz importante não somente na articulação das filosofias de treinadores, mas, muito antes disso, no próprio ato de filosofar. É do que trata Bornheim (1998) quando afirma que a admiração é a primeira condição para filosofar, antes da dúvida e da insatisfação moral, e que, no ato de admirar, a abertura presta um serviço imprescindível, uma vez

que expressa “gosto, afeição pela realidade, que se revela em uma atitude receptiva, de disponibilidade pura” (BORNHEIM, 1998, p. 22). Ao mesmo tempo, é preciso saber que abrir-se ao mundo demanda uma grande carga de vulnerabilidade, de risco, de exposição e de travessia (LARROSA, 2014), o que nos leva a um certo caráter de duplicidade: é importante afirmar-se a si mesmo e afirmar as próprias forças no processo de articulação de filosofias, mas também é importante abrir-se, permitir-se ao reconhecimento das próprias fraquezas e dos limites que fazem dos treinadores humanos. Como veremos na sequência, é preciso articular filosofias realistas e, para fazê-lo, é preciso restaurar a confiança nas próprias fragilidades.

Coerência: o processo de articulação das filosofias de treinadores demanda coerência. E quando falamos de coerência, falamos de uma coerência bastante particular: a coerência entre *palavra e ato*. Esse é o salto, junto das elaborações que fizemos sobre a experiência, que nos permite entender que articular filosofias não pode ser uma atividade meramente teórica. Ainda que as filosofias de um certo treinador não estejam documentadas, registradas de alguma forma, isso não significa, de um ponto de vista prático, que elas não existam - significa talvez que elas apenas não foram transcritas. As filosofias estão encarnadas, moram na carne de treinadores. Talvez não seja exatamente a *prática* que deva adequar-se às palavras, mas sim as palavras com que se descrevem as filosofias que devam ser cuidadosamente escolhidas, estabelecendo coerência com a vida vivida do treinador. Por isso, aliás, é importante considerar não apenas o que treinadores fazem enquanto treinadores, mas também o que fazem em outros papéis, fora disso que se entende por *ambientes de prática*, pois articular as próprias filosofias ultrapassa os limites da própria modalidade e vai ao encontro, como já dissemos, da existência em si (LARROSA, 2014). Ao mesmo tempo, ainda na tentativa de limpar parte das idealizações teórico-práticas, é saudável perceber as filosofias como saberes do corpo, corpóreos, encarnados, que são parte integrante da subjetividade de treinadores, e não acessórios

a que se recorre quando assim soa preciso. Por isso, as palavras ganham um peso tão importante, porque elas devem conferir às filosofias o sentido que lhes cabe, assim como devem conferir um importante grau de coerência. As palavras, afinal, têm força, de modo que “fazemos coisas com as palavras e, também que as palavras fazem coisas conosco” (LARROSA, 2014, p. 21).

Incompletude: se vinculadas à experiência (portanto, à existência), não se pode atribuir às filosofias de treinadores um caráter de definição. Por isso, é importante um outro olhar sobre a posição de Cassidy, Jones & Potrac (2004), que observam que as filosofias precisam ser *claras e definitivas*. Na verdade, soa mais provável que as filosofias sejam o oposto, não estejam próximas da clareza, mas sejam impuras, fugidias, inquietas, em aberto. Fossem as filosofias ‘claras e definitivas’ e deveríamos considerar uma certa primazia do sujeito sobre o mundo, considerar que caberia ao sujeito “conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”” (LARROSA, 2014, p. 24), ainda que isso fosse, na verdade, um impeditivo à experiência e, ao mesmo tempo, uma negação da abertura que defendemos acima. Assim, soa mais agradável pensar que as filosofias não estão prontas, não estão postas, não estão dadas *a priori* - elas se fazem ao sabor do tempo e, justamente por isso, estão no plural (*filosofias*), não no singular. Estão por serem feitas, são possibilidades, potencialidades, vir a ser. E isso se deve tanto à imprevisibilidade da experiência (enquanto acontecimento alheio ao sujeito), quanto também à pluralidade dos sentidos (enquanto potência que não se esgota).

Paixão: aqui, é preciso ter um certo cuidado, pois, à palavra paixão, cabe uma conotação dupla. Em primeiro lugar, é possível pensá-la como oposição à atividade, oposição ao fazer, o contrário dessa vertigem que leva o sujeito moderno (treinadores, no caso) a se furtar do direito à pausa e à contemplação, na crença de que formar-se e articular as próprias filosofias se reduz à sua capacidade de ação e de reflexividade (CUSHION & PARTINGTON, 2016). Novamente, isso é um impeditivo à experiência, uma vez que a experiência, grosso modo, não se faz, mas se padece (LARROSA,

2011, p. 8). Daí, que o sujeito da experiência precise perceber-se, como observa Larrosa (2011), como um sujeito paciente, passional. Daqui, exatamente, é possível pensar o outro lado da palavra, a partir do qual não pensamos a formação de treinadores e a articulação das suas filosofias apenas pelo exercício do próprio pensamento, para não incorrerem em um desmedido otimismo pela racionalidade humana (CUSHION & PARTINGTON, 2016), mas consideramos que a articulação das filosofias de treinadoras se faz pela via da razão e também pelas das paixões, são filosofias da reflexão e dos afetos, em que, sim, os treinadores pensam, mas também se dão o direito de sentir e, além disso, se dão ao direito de pensar sobre o que sentem e de sentir aquilo que pensam. Considerando os afetos, ao lado da razão, e as fraquezas, ao lado das forças, abrimos terreno para uma formação de treinadores (e uma articulação de filosofias) mais humanizada.

Pluralidade: se a articulação das filosofias de treinadores está vinculada à experiência, como propusemos anteriormente, se a experiência está entrelaçada à existência, como dissemos, e se considerarmos o caráter contingente, ambivalente, heterodoxo, diverso e plural da existência, então podemos dar um passo além, sobre o qual falamos brevemente acima: não se trata de articular *uma* filosofia, no singular, mas de articular filosofias, no plural. A experiência, afinal, produz pluralidade (LARROSA, 2011). Por isso, novamente, mantivemos o termo no plural desde o início. Mas repare que a conjugação pode enganar: isso não significa que cabe aos treinadores articular várias filosofias diferentes, lançando mão daquela que for mais conveniente ao instante, mas sim que a filosofia do instante, sendo várias, está sempre em aberto, é uma *abertura* nela mesma, e, justamente por isso, se dá ao direito de ser outra, de alterar-se com o tempo, de eventualmente retornar aquilo que fora anteriormente. Se considerássemos as filosofias no singular, ficaria subentendida uma armadilha bastante perigosa, ainda que comum, que percebe o sujeito como estável, capaz de identificar uma única filosofia, que explicaria e sustentaria a sua prática (CUSHION & PARTINGTON, 2016), como uma ilha em

meio ao oceano, ainda que a existência seja mar revolto. Como observam Jones *et al.* (2010), treinadores caminham *na borda do caos*, longe da estabilidade, de modo que uma filosofia única parece limítrofe para responder às problemáticas e à complexidade do ato de treinar.

Realismo: vinculadas à existência, as filosofias de treinadores não podem ser idealistas. Não surpreende que um dos vieses das articulações de filosofias de treinadores pareça estar naquilo que os treinadores *deveriam ser* ou como *deveriam parecer* (CUSHION *et al.*, 2003; CUSHION, 2013), de tal modo que o que entendemos por filosofias, que estas estejam permeadas por um certo otimismo quanto ao futuro, sem que, necessariamente, se suceda um comprometimento com as contradições do instante. Articular filosofias, ao menos como entendemos até agora, não significa debruçar-se sobre o utópico, o onírico ou o ideal. Para se fazer filosofias, especialmente vinculadas à experiência, é preciso aceitar o real, comprometer-se com o real e, portanto, estabelecer um grau que é mais de imanência do que de transcendência. Não surpreende, aliás, que ao *Coaching Philosophy* se atribua tanto peso à noção de valores ou, mais especificamente, de crenças: afinal, “crença e descrença não têm prova, e é isso que as define: quando sabemos, não há mais porque crer ou não” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 90). A falta de afinidade com o real permite que a articulação de filosofias soe mais como uma profissão de fé do que um voto de presente. Por outro lado, se as filosofias articuladas forem, como defendemos anteriormente, filosofias da carne, encarnadas, limitadas, conscientes, afetivas, expostas etc., talvez estejam mais próximas do real.

Subjetividade: considerar a importância da subjetividade é particularmente necessário, tendo em vista uma tendência, citada por Cushion (2013), que faz vincular as filosofias de treinadores a um certo tipo de *anedotas pessoais*, baseadas ‘no que funciona’ e/ou naquilo que normalmente traz ‘resultados’. A repercussão imediata disso aparece quando as filosofias são articuladas de maneira tão banal e genérica, que talvez expressem muito mais

retóricas socialmente aceitas do que a subjetividade, a particularidade e a singularidade que reside nos treinadores. Larrosa (2011) faz uma observação muito importante ao dizer que a experiência é subjetiva justamente porque o lugar da experiência é o sujeito. Não por acaso, é preciso tratar da experiência de um modo único, singular, particular, próprio (LARROSA, 2011). Se articular as próprias filosofias significa, em certa medida, articular-se a si mesmo, então parece cada vez mais preciso escapar da tentação de platitudes comumente aceitas em direção a um processo mais profundo, subjetivo, de fato *reflexivo*, que não se repita em outros sujeitos, que não exista em outros lugares, que não seja uma cópia - mas tão somente a afirmação de si na sua própria pluralidade.

Aberturas

Para articular *filosofias* que se aproximem, de fato, da singularidade de treinadores esportivos, ao invés de soarem como meros papéis sociais, é de fato importante abrir-se ao mundo, enquanto espaço da existência. Nesse caso, entramos em um terreno ainda não exatamente trabalhado na literatura, cujas preocupações principais parecem mais canalizadas em uma certa vertigem pelos *conhecimentos, competências, aprendizagem* - por uma certa noção de que treinadores são capazes de identificar e entender os determinantes das suas próprias práticas na sua inteireza (CUSHION & PARTINGTON, 2016). A constante preocupação com a ação, com o agir, um entendimento da formação a partir, inclusive, de uma certa hiperatividade, parece demasiadamente presente no imaginário e na realidade de treinadores esportivos.

Neste trabalho, fizemos considerações num sentido oposto. Mas as considerações que fizemos, novamente, não têm qualquer caráter imperativo, não são passos, não são modelos, mas são apenas sugestões, talvez de condições, de um dizer junto: dimensões torcidas, retorcidas, refletidas, de um ponto de vista, de um certo ponto de vista. São dimensões que, como observamos no início,

também buscam traçar um certo pé de igualdade entre as duas palavras que estão na origem desse debate: *Coaching* e *Philosophy*. A partir de uma outra noção de experiência, este texto também pretende trazer um tom de filosofia para um debate que, embora pretenda tratar de filosofias, ainda não é exatamente filosófico.

Ainda, por um lugar bastante específico, esperamos que este texto faça do processo de articulação de filosofias algo mais visível, mais palatável, mais agradável e, especialmente, ainda mais possível do que parece ser no momento.

Referências bibliográficas

BENNIE, Andrew; O'CONNOR, Donna. Coaching Philosophies: perceptions from professional cricket, rugby league and rugby union players and coaches in australia. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, [s.l.], v. 5, n. 2, p. 309-320, jun. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1260/1747-9541.5.2.309>.

BORNHEIM, Gerd. **Introdução ao filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. 9 ed. São Paulo: Globo, 1998.

CALLARY, Bettina; WERTHNER, Penny; TRUDEL, Pierre. How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, EUA, v. 4, n. 1, 2012, p. 420-438.

CARLESS, David; DOUGLAS, Kitrina. Stories as Personal Coaching Philosophy. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 1-12, mar. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1260/1747-9541.6.1.1>.

CASSIDY, Tanya; JONES, Robyn; POTRAC, Paul. **Understanding Sports Coaching**: the social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice. Londres: Routledge, 2004.

COMTE-SPONVILLE, Andre. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CÔTÉ, Jean; GILBERT, Wade. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, EUA, v. 4, n. 3, 2009.

CUSHION, Christopher J.; ARMOUR, Kathy M.; JONES, Robyn L. Coach Education and Continuing Professional Development: experience and learning to coach. **Quest**, [s.l.], v. 55, n. 3, p. 215-230, ago. 2003. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00336297.2003.10491800>.

CUSHION, Christopher. Applying game centered approaches in coaching: A critical analysis of the 'dilemmas of practice' impacting change. **Sports Coaching Review**, EUA, v. 2, n. 1, p. 61-76, 2013.

CUSHION, Christopher; PARTINGTON, Mark. A critical analysis of the conceptualisation of 'coaching philosophy'. **Sport, Education And Society**, [s.l.], v. 21, n. 6, p. 851-867, 23 set. 2014. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13573322.2014.958817>.

GILBERT, Wade; TRUDEL, Pierre. Learning to coach through experience: Reflection in model youth sport coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, EUA, v. 21, p. 16-34, 2001.

GOULD, Daniel; PIERCE, Scott; COWBURN, Ian; DRISKA, Andrew. How Coaching Philosophy Drives Coaching Action: a case study of renowned wrestling coach J Robinson. **International Sport Coaching Journal**, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 13-37, jan. 2017. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/iscj.2016-0052>.

GRAHAM, Laura; FLEMING, Scott. Developing a Coaching Philosophy: Exploring the Experiences of Novice Sport Coaching Students. **Journal of Athlete Centered Coaching**, EUA, v. 1, n. 1, p.60-79, 2016.

HE, Chao; TRUDEL, Pierre; CULVER, Diane. Actual and ideal sources of coaching knowledge of elite Chinese coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, EUA, v. 13, n. 4, p. 496-507, 2018.

HOUAISS, A., SALLES, M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

JARVIS, Peter. **Adult education and lifelong learning**. RoutledgeFalmer, 2004.

JARVIS, Peter. **Towards a comprehensive theory of human learning**. London: Routledge, 2006.

JARVIS, Peter. **Learning to be a person in society**. New York: Routledge, 2009.

JARVIS, Peter. Aprendizagem Humana: implícita e explícita. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.40, n.3, p.809-825, 2015.

JONES, Robyn; BOWES, Imornefe; KINGSTON, Kieran. Complex practice in coaching: Studying the chaotic nature of coach-athlete interactions. In: LYLE, John; CUSHION, Christopher (Eds.), **Sports coaching: Professionalism and practice**. London: Routledge, p. 15-26, 2010.

KIDMAN, Lynn; HANRAHAN, Stéphanie J. **The Coaching Process**. 3. ed. [s.l.]: Routledge, 2011.

LARA-BERCIAL, S, MALLET, Cliff. The Practices and Developmental Pathways of Professional and Olympic Serial Winning Coaches. **International Sports Coaching Journal**, EUA, 2016.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul. 2011.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Trad. de Semíramis Gorini da Veiga.

LARROSA, Jorge. Saber y Educación. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 1, p. 33-55, jan/jun 1997.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Não paginada.

LYLE, John. Coaching Philosophy and coaching behaviour. **The Coaching Process**, Oxford, p. 25-46, 1999.

LYLE, John. **Sports coaching concepts:** A framework for coaches' behaviour. Routledge, London, 2002.

MALLETT, Clifford; TRUDEL, Pierre; LYLE, John; RYNNE, Steven. Formal vs Informal Coach Education. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, 2008.

MCCALLISTER, Sarah G.; BLINDE, Elaine M.; WEISS, Windee M. Teaching Values And Implementing Philosophies: dilemmas of the youth sport coach. **The Physical Educator**, [s.l.], v. 57, n. , p. 33-45, 2000.

NASH, Christine S.; SPROULE, John; HORTON, Peter. Sport Coaches' Perceived Role Frames and Philosophies. **International Journal Of Sports Science & Coaching**, [s.l.], v. 3, n. 4, p. 539-554, dez. 2008. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1260/174795408787186495>.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Mauricio Santos; ROBLE, Odilon José; CARBINATTO, Michele. Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz: Revista de Educação Física**, [s.l.], v. 18, n. 4, p. 678-689, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-65742012000400006>.

RENSHAW, Ian; DAVIDS, Keith; SHUTTLEWORTH, Rick; CHOW, Jia Yi. Insights from ecological psychology and dynamical systems theory can underpin a philosophy of coaching. **International Journal Of Sport Psychology**, [S.l.], p. 580-602, 2007

SAURY, Jacques; DURAND, Marc. Practical knowledge in expert coaches: on-site study of coaching in sailing. **Research Quaterly For Exercise And Sport**, [s.l.], v. 69, n. 3, p. 254-266, 1998.

TRUDEL, Pierre; CULVER, Diane; RICHARD, Jean-Paul. Peter Jarvis: lifelong coach learning. In: NELSON, Lee; GROOM, Ryan; POTRAC, Paul. **Learning in sports coaching: theory and application**. Theory and application. [s.l.]: Routledge, 2016. p. 149-157.

TRUDEL, Pierre; GILBERT, Wade; RODRIGUE, François. The Journey from Competent to Innovator: using appreciative inquiry to enhance high performance coaching. **Ai Practitioner**, [s.l.], p. 40-46, 1 maio 2016. Ai Practitioner Journal. <http://dx.doi.org/10.12781/978-1-907549-27-4-5>.

VOIGHT, Mike; CARROLL, Pete. Applying sport psychology philosophies, principles, and practices onto the gridion: An interview with USC football coach Pete Carroll. **International Journal of Sports Science and Coaching**, EUA, v. 1, n. 4, p. 321-331, 2006.

WILCOX, Stéphane; TRUDEL, Pierre. Constructing the coaching principles and beliefs of a youth ice hockey coach. **Avante**, EUA, v. 4, n. 3, p. 39-66, 1998.

WRIGHT, Trevor; TRUDEL, Pierre; CULVER, Diane. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, EUA, v. 12, n. 2, p. 127-144, jun/2007.

Financiamento

Este trabalho contou com apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.